

O poder das palavras: poesia e o “politicamente correto”¹

Magda Floriana Damiani

Resumo

O trabalho constitui-se em uma reflexão sobre o poder das palavras e sua influência no comportamento humano. São analisadas mudanças lexicais, resultantes de uma postura que se tem denominado “politicamente correta”, à luz de obras literárias e teorias da aprendizagem e da lingüística. Não se pode afirmar que mudanças no vocabulário sejam suficientes para causar mudanças de atitudes nas pessoas - como, por exemplo, o desmonte de seus preconceitos. Entretanto, pensa-se que tais modificações lingüísticas têm o poder de, pelo menos, causar impacto, desequilíbrio cognitivo, levando à análise de suas razões. Na esteira da poesia, com sua capacidade de subverter os processos de percepção/cognição, parece admissível pensar que as modificações nas palavras podem fazer algumas contribuições para as mudanças sociais.

Palavras-chave: Cultura, Psicologia, Linguagem.

THE POWER OF WORDS: POETRY AND THE “POLITICALLY CORRECT”

Abstract

This paper contains a reflection about the power of words and their influence upon human behaviour. Changes in vocabulary, as the result of a posture that has been classified as “politically correct”, are analysed, through literary work and theories of learning and linguistics. One cannot say that changes in language are enough to cause changes in persons’ attitudes - like destroying their prejudices, for instance. However, it can be considered that such linguistic changes have the power of, at least, causing impact, cognitive imbalance, leading to the analyses of their reasons. In consonance with poetry and its capacity for subversion of perceptive/cognitive processes, it seems admissible to think that the changes in words can make some contributions to social change.

Key-words: Culture, Psychology, Language.

¹ Trabalho apresentado no III Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul (ANPEd-SUL), 2000.

Assim,
Ao poeta faz bem

Desexplicar -

Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes.

(BARROS, 1989, p. 55)

A poesia de Barros encanta-me, desafia-me. O autor atribui poder à linguagem poética e concordo com ele, embora não tenha claro até que ponto ela pode influenciar os processos mentais e os comportamentos humanos.

O trecho do poema de Manoel de Barros propõe a idéia de que a poesia é capaz de des-explicar (Confundir? Desestabilizar? Desinstalar?) o entendimento que seu leitor tem do mundo. O poeta ilustra essa capacidade brincando de inverter a lógica perceptual dominante que concebe (posso apostar!) os vaga-lumes iluminando a escuridão e não o contrário. A gente lê o poema e fica impactada. Volta. Relê. Pensa: como é que é mesmo? Ah!!! Que forma diferente de ver realidade! Que interessante!

Minha reflexão sobre esta capacidade da linguagem é antiga. Os primeiros questionamentos apareceram com a leitura dos livros de George Orwell e Aldous Huxley, na década de 1970. Na sociedade do futuro, imaginada pelo primeiro, em 1948, no livro *1984*² (ORWELL, 2003), a importância das palavras como construtoras da realidade está implícita. Os membros dessa sociedade totalitária precisam ser inteiramente dirigidos e controlados pelos seus governantes para que a sociedade funcione de maneira adequada. Ali, a linguagem é utilizada como um instrumento para exercer esse controle, de tal forma que se cria um novo dicionário, destinado a substituir o antigo - muito mais extenso e acusado de estar repleto de palavras supérfluas ou de “não-palavras”. Esse novo dicionário subtrai um grande número de palavras do vocabulário até então utilizado, de forma a dificultar o aparecimento do que os dirigentes classificam como “pensamentos heréticos” na população. Assim, a lógica por trás do banimento é a de que, sem as palavras que lhes dão nome, as coisas são difíceis de ser pensadas e a comunicação de idéias sobre elas torna-se quase impossível.

Idéia bastante semelhante aparece no livro de Huxley *Admirável Mundo Novo*³ (2000), escrito em 1932, que também se ambienta em uma sociedade do futuro, caracterizada por um alto grau de controle de seus mem-

² O título do livro em Inglês é "Nineteen Eighty-four"

³ O título do livro em Inglês é "Brave New World".

bros. Nessa sociedade, palavras também são eliminadas do vocabulário corrente com o objetivo de tornar impensáveis os conceitos por elas expressos. Assim, ao retirar a palavra “mãe” do léxico, por exemplo, os dirigentes esperam que o conceito por ela designado seja também ocultado, eliminado. Como os novos seres são produzidos por meio de provetas, nessa sociedade imaginada por Huxley, a supressão da palavra “mãe” é considerada essencial já que tal palavra, ao circular entre a população, permite que as pessoas tomem consciência de que há outra forma de reprodução (a vivípara) que não aquela adotada oficialmente. E isto não convém àquela sociedade.

A leitura desses livros instigou meus questionamentos sobre as palavras. Os livros eram ficções, mas haviam sido produzidos por romancistas que, a meu ver, possuíam um profundo entendimento da sociedade ocidental e da natureza humana. Suas idéias sobre o poder da linguagem fascinavam-me, e tal fascinação voltou a sacudir-me nos anos 80. Nessa época, tive contato informal com as mudanças de vocabulário que vinham sendo propostas pelas feministas norte-americanas. Essas mulheres propunham, por exemplo, entre uma gama de modificações lingüísticas, a adoção da palavra *chairperson* (pessoa escolhida para presidir uma reunião) ao invés da palavra *chairman*, usada como genérica, até então, como forma de combater o machismo embutido na linguagem de sua sociedade (**man**, em Inglês, significando **homem**). Aqui não mais aparece a proposta de supressão de palavras, mas a modificação delas visando à modificação da práxis humana.

Em algumas discussões sobre este assunto, meus interlocutores consideravam essas propostas ridículas e exageradas. Não acreditavam que a simples mudança de vocabulário pudesse modificar as relações de gênero instaladas na sociedade. Eu não tinha certeza de nada, queria estudar mais o assunto. Mais uma vez, ficava claro o fascínio que sentia pelo fenômeno da linguagem humana.

As reflexões sistematizadas, que relato agora, somente se concretizaram a partir do encontro com o livro publicado pelos norte-americanos Beard e Cerf (1993): *The Officially Politically Correct Dictionary and Handbook* (*Dicionário e Manual Oficial do Politicamente Correto*). Esses autores dedicaram-se a fazer um estudo amplo e sistematizado de mudanças lexicais - como aquelas que eu havia observado na década de 80 - que têm ocorrido nos Estados Unidos e na Inglaterra - com o objetivo de desafiar e lutar contra as relações de poder entre os grupos sociais, materializadas através da linguagem.

Além de todas as mudanças de vocabulário que dizem respeito às relações de gênero, Beard e Cerf mostram que o uso do vocabulário politicamente correto é advogado também em protesto à discriminação racial, entre

outros temas. Os autores relatam a proposta de modificar a denominação dos indivíduos de descendência africana nascidos nos Estados Unidos da América, chamando-os de *afro-americanos* ao invés de *pretos* ou *negros*. Em relação a esse termo politicamente correto, Beard e Cerf (1993, p.4) escrevem:

Afro-Americano: O Departamento de Assuntos Estudantis do Smith College define “Afro-Americano” como um dos vários conceitos que se referem àqueles cidadãos dos Estados Unidos que têm descendência africana. Este termo é geralmente considerado mais apropriado do que “preto” porque o primeiro refere-se à conexão com o continente de origem das pessoas e porque, como explica o expert em lingüística Robert B. Moore, “o simbolismo do branco como positivo e do preto como negativo existe em nossa cultura”. No entanto, o termo “Afro-Americano” deve ser usado com cautela, advertem os integrantes do Programa de Manejo Multicultural da Escola de Jornalismo da Universidade de Missouri, já que esse uso “pode ser questionável por parte das pessoas que preferem o termo preto” (tradução da autora).

Quando se lê este livro, não fica clara a intenção dos autores e pode-se perguntar se estavam querendo ridicularizar o movimento pró-mudança nas palavras quando escreveram, por exemplo, que é considerado politicamente incorreto chamar alguém de *preguiçoso* (*lazy*), a expressão adequada sendo *deficiente motivacional* (*motivationally deficient*) (p. 46). Sátira ou não, a obra mostra que essa preocupação com as palavras é viva e ocupa as cabeças de pessoas e instituições nos dias atuais. Prova disto é que um número considerável de modificações no vocabulário, consideradas politicamente corretas, vêm sendo adotadas pela mídia e pelas pessoas em geral, em diversos lugares do mundo.

O livro levou-me a escrever este ensaio, que busca, então, discutir o assunto com a ajuda de outras pessoas que sobre ele se debruçaram tanto através de discussões teóricas como através de adoção de modificações lingüísticas propriamente ditas.

Erica Burman, professora de Psicologia Educacional da Universidade Metropolitana de Manchester, Inglaterra, por exemplo, usa o pronome feminino *she* (ela), ao invés de *it* (pronome genérico) para referir-se à palavra *child* (criança), que, em Inglês, não tem gênero. Burman, em seu livro de 1994 (p. 5), explicita sua intenção de utilizar a forma feminina, como estratégia para valorizar o gênero feminino e questionar a dominância do gênero masculino expressa na língua inglesa.

Mudanças semelhantes podem ser observadas também, aqui no Brasil, através da adoção, em textos acadêmicos, do uso de expressões como “alunos e alunas”, alunos(as) ou mesmo, mais recentemente, alun@s, para designar o plural desse substantivo em situações onde ele se refere a pessoas dos gêneros feminino e masculino ao mesmo tempo.

Costa (1992) revela sua preferência pelo uso da palavra *homoerotismo* ao invés de *homossexualismo* - termo que, segundo esse autor, está fortemente associado à anormalidade, à perversão, ao desvio - para designar os indivíduos inclinados a manter relações eróticas com pessoas de seu mesmo sexo. Costa argumenta que a palavra *homoerotismo* não possui uma forma substantiva, como acontece com a palavra *homossexualismo*, que permite o uso de *homossexual*, tão corrente em nosso meio. Os substantivos, explica Costa, indicam identidade e a identidade de uma pessoa não deve estar resumida à singularidade de sua inclinação erótica. A pessoa homossexual, escreve ele, *nada mais é do que uma realidade lingüística, e não uma realidade natural* (p.23). Assim, mudando a forma de designá-la, estaremos também agindo no sentido de desconstruir tal realidade fabricada pela linguagem.

Também tecendo comentários a respeito do uso da expressão *afro-americanos*, Costa (1992) salienta que tal termo permite que esse grupo de pessoas proponha um elemento novo para definir sua identidade, de modo que a cor da pele deixe de ser o principal foco a influenciar sua denominação. O autor conclui que, desta forma, os afro-americanos *aumentam as chances de romperem com uma montagem em que se mantêm dependentes da nomação do outro preconceituoso para terem acesso à própria identidade* (p. 37).

A idéia de que a linguagem é fortemente influenciada pelos fatores sociais foi sugerida já por Marx e Engels, no livro *German Ideology (Ideologia Alemã)* (1970). No entanto, o reverso disso não pode ser afirmado com tanta facilidade. A idéia das feministas de que o uso do masculino como genérico, em nossa sociedade, expressa a dominação deste gênero sobre o feminino pode ser contestada pela argumentação de Fiorin (1990). Segundo esse autor, é extremamente difícil provar que o uso do masculino como genérico, em uma série de línguas, é causado pelo maior prestígio dos homens nas sociedades onde tais línguas são faladas. Fiorin argumenta que as categorias presentes nas línguas modernas podem ser resultado da herança recebida das línguas que as originaram. O autor explica o desaparecimento do neutro, nas principais línguas românicas derivadas do Latim, pela queda das consoantes finais das palavras. Sem as consoantes finais, a maioria das palavras masculinas e neutras tornaram-se idênticas, ocasionando o desaparecimento da forma neutra e fazendo com que as palavras masculinas passassem a representar

também as outras.

A argumentação de Fiorin (1990) é robusta e nos leva a questionar a afirmação de que o uso da forma masculina como genérico seja causado pelo “machismo” de nossa sociedade. Entretanto, pode-se, pelo menos, pensar que esse uso tenha contribuído para reforçar a dominação masculina, facilmente constatável.

Estes exemplos, que venho colecionando através dos anos, levam-me a crer que é possível considerar que as mudanças lexicais podem ter algum efeito combativo em relação aos preconceitos e jogos de poder embutidos nas palavras. Beard e Cerf (1993), na introdução de seu livro (citando a obra dos lingüistas SAPIR e LEE WHORF, da década de 40), escrevem que *a linguagem não é meramente o espelho de nossa sociedade; ela é a força principal na construção “do que percebemos como” realidade* (p. ix). O que resta entender é o mecanismo que explica esse poder atribuído à linguagem.

A palavra é o principal elemento de desenvolvimento mental para Vygotsky (1987). Esse autor argumentava que o pensamento existe primordialmente através das palavras, descobrindo nelas sua realidade e sua forma. Bakhtin (1986), por sua vez, afirmava que a consciência individual humana é conseqüência da vivência em um mundo material de signos (linguagens) criados por grupos organizados e através de intercâmbios sociais. Assim, se as palavras são essenciais ao pensamento e à comunicação, a elas pode ser atribuído um poder enorme de conformação da realidade.

Para Luria (1986), as palavras não servem apenas para substituir ou representar os objetos, mas também têm função como instrumentos de análise e generalização de suas características, introduzindo-os em um complexo sistema de relações. *Ao designar o objeto*, escrevia Luria (p.39), *a palavra separa nele as correspondentes propriedades, o coloca nas relações necessárias com outros objetos, o introduz em determinadas categorias*. Utilizando como exemplo a palavra russa *chernilnitsa* (tinteiro), Luria explicava que ela é formada pela raiz - *chern* - que inclui o objeto em uma categoria vinculada com tinta - pelo sufixo *il* - que designa um objeto pertencente à categoria de instrumento - e pelo segundo sufixo *nits* - que indica o pertencimento à categoria dos recipientes. Luria explicava que,

...quando o sujeito diz “*chernilnitsa*” (tinteiro) não somente faz referência a um objeto determinado, também **analisa o sistema de relações e categorias** em que ele se insere. Com isso, através da palavra, transmite-se toda a experiência, acumulada em relação com este objeto, pelas gerações anteriores [...] Dessa forma,

ao nomear o objeto, o homem o **analisa**, e não o faz sobre a base da própria experiência concreta, mas sim transmite a experiência acumulada na história social, relacionada com as funções deste objeto e assim transmite o sistema de conhecimentos socialmente consolidados sobre as funções deste objeto (LURIA, 1986, p.38) (grifos do autor).

Essa mesma palavra – tinteiro - pode ser examinada na sua versão portuguesa, composta pelo raiz *tint*, derivada de *tinctus* – particípio passado do verbo latino *tingere*, que significa tingir, colorir – com a adição do sufixo *eiro* – do latim *arius*, *ária*, utilizado para nomear profissão, instrumento, recipiente, lugar, coleção, plantas, moléstias, defeitos, qualidade ou estado (CUNHA, 1990; ENCICLOPÉDIA MIRADOR, 1989; REZENDE, s.d.).

Se as palavras têm tal função, não se pode deixar de pensar que as mudanças introduzidas no vocabulário de um grupo social possam influenciar o comportamento dos membros desse grupo. Pode-se pensar que, ao encontrar essas modificações léxicas ou morfológicas, as pessoas realizem uma reflexão sobre a origem dos conceitos que as antigas palavras expressavam e as razões que fundamentam as modificações propostas. Assim, penso que se deve dar um “voto de confiança” à ação dos que pretendem ser politicamente corretos, na medida em que se pode vislumbrar a ocorrência de um possível impacto causado pelo encontro com tais modificações. É difícil precisar a intensidade de tal impacto, embora se constate que ele não é intenso, já que não se conseguiu acabar com a dominação masculina e branca em nossa sociedade, por exemplo, apesar das mudanças do léxico a elas relacionadas. No entanto, mudanças têm acontecido: preconceitos são reconhecidos, denunciados e combatidos. E acredito que as palavras têm contribuído um tanto para isto.

Minha experiência de encontros com as modificações lexicais tem sido interessante e recorro a ela também para aprofundar minhas reflexões. Esses encontros sempre trazem surpresa e exigem que eu pare para pensar sobre as novas palavras, assim como ocorreu no encontro com a poesia de Barros, mencionada anteriormente. Os encontros provocam a reflexão sobre os significados expressos pelas palavras antigas e novas e sobre as razões da mudança, como descrevi acima. Os encontros causam-me um **desequilíbrio** e isto é extremamente significativo. Para Piaget (1976), as situações de conflito são de crucial importância para a evolução cognitiva e para a aprendizagem. A tentativa de evitar tais conflitos, apontada por este autor como uma tendência inerente ao ser humano, faz com que as pessoas, ao assimilarem informações que contradizem de alguma forma seu conhecimento prévio,

realizem um processo de acomodação. Em tal processo, as informações incoerentes entram em um tipo de relação que leva a transformações do conhecimento prévio até que se atinja um novo estado de equilíbrio.

Assim, é justamente a criação de **conflito** que me parece ser o maior ganho que tanto a poesia, quanto outras modificações de lexicais podem propiciar. Embora eu pense que estes conflitos não sejam a principal fonte de modificação da práxis humana - já que existem inúmeros fatores sociais que condicionam e direcionam essa práxis - considero que os conflitos lingüísticos têm a possibilidade de fazer uma importante contribuição para as mudanças sociais.

Blikstein (1985) concorda com essa idéia de que a linguagem pode desarranjar a práxis e desmontar os estereótipos perceptivos quando estabelece uma relação conflituosa e dialética com esses elementos. Para ele, a linguagem deixará de ser fascista quando, subvertendo a si mesma, subverter a percepção/cognição e denunciar a fabricação da realidade pela qual ela própria é responsável. Utilizando-se do texto poético de Fernando Pessoa (no poema de Alberto Caeiro), Blikstein ilustra com maestria e beleza esse poder subversivo, perturbador e conflituoso da linguagem:

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Mas o Tejo não é mais belo do que o rio que corre pela minha aldeia. Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia (p.85).

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARROS, M. de *O Guardador de Águas*. São Paulo: Art Editora, 1989.
- BEARD, H., CERF, C. *The Official Politically Correct Dictionary and Handbook* [Dicionário e Manual Oficial do Politicamente Correto]. New York: Villard Books, 1993.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- BURMAN, Erika. *Deconstructing Developmental Psychology*. Londres: Routledge, 1994.
- COSTA, Jurandir F. *A Inocência e o Vício: Estudos Sobre o Homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- CUNHA, Celso F. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE, 1990.
- ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1989.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 1990.

- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2000
- LURIA, Alexandr. R. *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MARX, Karl, ENGELS, Frederick. *The German Ideology*. London: Lawrence and Wishart, 1970.
- ORWELL, George. 1984. São Paulo: Editora Nacional, 2003.
- PIAGET, Jean. *A Equilibração das Estruturas Cognitivas: problema geral do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- REZENDE, Joffre M. de *Linguagem Médica*, disponível em: <http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/tontura.htm>, acesso em 22/06/2005.
- VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Magda Floriana Damiani é psicóloga, com mestrado e doutorado na área da Educação, trabalhando na área da Psicologia da Educação, mais especificamente, com a Psicologia da Aprendizagem, no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas (RS). É pesquisadora nível II do CNPq, desenvolvendo pesquisas orientadas pela Psicologia Sócio-Histórica de Vygotsky e dos pós-vygotskianos. Seu trabalho investigativo está centrado nos processos de aprendizagem e seus reflexos sobre o ensino, no sucesso e no fracasso escolar - principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental - e nas culturas escolares do tipo colaborativa.

E-mail: magda@ufpel.tche.br
